

Novacap investe 1 bilhão em obras

Superintendente diz que prioridade é para satélites

Entrevista a
CELSON FRANCO

Preocupada em ser a única empresa de edificação do Distrito Federal, a Novacap detinha durante a construção da nova Capital da República todos os recursos e elementos para a implantação e urbanização da cidade, poderes suficientes para estabelecer as áreas onde se construiriam os prédios, as áreas verdes, o sistema de energia elétrica, de água, esgoto, telefone, intercomunicação e som.

Mais de duas décadas depois, no entanto, ouve-se agora, a todo momento, pessoas perguntarem o que é a Novacap. E com um ouvir: a Novacap ainda existe?

A Novacap ainda existe e é o superintendente da empresa, Edson Grossi, que afirma nesta entrevista exclusiva que "estamos transacionando em edificação, licitação e em início de obra 1 bilhão e 200 milhões de cruzeiros", acrescentando que "se você dividir isso pelo valor da área do metro quadro em construção, e fizer um cálculo de quantos homens se usam por metro quadrado de uma construção, você vê quantos homens tem, em Brasília, emprego garantido por essa quantidade de recursos colocados à disposição da Novacap".

Porém, esta quantia é insignificante, se comparada com as atividades da Novacap no começo da construção de Brasília, quando ela empregava a maior parte dos imigrantes pioneiros. "Hoje, é difícil - lastima Grossi - pois a Novacap não dispõe mais disso. Foram desmembrados do órgão, a Telebrasil, a Caesb, a CEB, e, mais recentemente, a Terracap, que passou a ser a maior imobiliária do Governo".

Mas a Novacap, segundo Grossi, não parou; continua edificando para o Governo, fazendo as mesmas coisas, com as mesmas dificuldades, alcançando os seus objetivos, como os traçados pelo Governador Aimé Lamaison, de sanear e recuperar econômica e financeiramente a Novacap, em parte superados, pois a empresa fechou o exercício de 1979, cumprindo seus compromissos absolutamente em dia, perante seus fornecedores e empreiteiros.

CB - Edson Grossi, como está a Novacap hoje?

Edson Grossi - Brasília não existia e o Brasil precisava construir uma nova capital. Para que isso fosse viável, teria que ser criada uma empresa, porque uma entidade diretamente subordinada ao Governo não teria flexibilidade para construir, para urbanizar, etc... Surgiu, então, a Novacap para construir a nova capital. Brasília foi fundada e continua a se desenvolver. Então, o que é a Novacap hoje? Como era a Novacap quando foi criada a Lei que a implantou aqui no Planalto Central? Era uma abertura para o Governo licitar obras, edificar direito, licitar a implantação de áreas verdes. E tudo isso foi feito. Atualmente, o que é a Novacap? Continua fazendo as mesmas coisas, com as mesmas dificuldades. Naquela época, o órgão tinha recursos mais amplos, hoje trabalha com recursos mais reduzidos, mas continua edificando para o Governo, continua edificando no sentido amplo da palavra. E o que é urbanização? É a implantação de asfalto, meio-fio, calçada, encasilhamento e áreas verdes. Nas áreas verdes, a Novacap continua plantando grama, construindo jardins e fazendo arborização em geral. Isso tudo, a partir do terreno natural. No momento, portanto, edificamos para o Governo e urbanizamos, através de convênios firmados com a Secretaria de Viação e Obras, que estabelece programas amplos. Nesses convênios, são discriminadas as áreas que devem ser urbanizadas. O órgão determina, por exemplo, a urbanização das Superquadras 203, 204 e 205. Esse programa é estabelecido em comum acordo com o Governo da cidade. Além dos recursos, o órgão tinha em mãos elementos que permitiriam a implantação da urbanização. Era, portanto, mais fácil estabelecer a área em que iria atuar, construir prédios, urbanizar, implantar áreas verdes, instalar o sistema de energia elétrica, instalar o sistema de telefone, intercomunicação e som. A Novacap tinha, realmente, nas mãos todos os meios para implantação e urbanização da cidade. Hoje, é difícil, pois ela não dispõe mais disso. Foi perdendo esses poderes à medida que o tempo

foi passando, foram desmembradas do órgão, Telebrasil, a Caesb, a CEB, e, mais recentemente a Terracap, que passou a ser a maior imobiliária do Governo, agindo como reguladora de preços na área urbana. Como ficamos com atribuições específicas de urbanização e edificação, temos que entrar em acordo com os outros órgãos, como por exemplo, com a Terracap, que diz: a área é esta, está especificada. A Secretaria de Viação e Obras dá o habite-se para essa área, e ela passa a ser de um particular ou do Governo. Sendo particular, foge dos convênios de urbanização. Sendo do Governo, está dentro da manutenção que temos que criar e preservar. As áreas públicas são de responsabilidade direta da Novacap, inclusive os prédios. Nós fazemos o convênio para implantação e depois fazemos o convênio para conservação. Os recursos para esses serviços são gerados pelo Estado, que os transfere para a Novacap. Se as áreas são públicas como disse anteriormente, temos obrigação de conservar. São as áreas de jardins de quadras, de gramados, gramados do Eixo Rodoviário, do Eixo Monumental e outros a conservação das entrequadras e da W/3. Fazemos isto quando a área está urbanizada. Quando está virgem, com a cobertura natural do terreno, quem conserva é a Secretaria de Serviços Públicos, através do Serviço de Limpeza Urbana.

Implantada uma área verde, implantado um gramado, o asfalto, a nossa preocupação é que isso se conserve, primeiro pela Novacap, que tem a responsabilidade de conservar e, em segundo lugar, pelo público em geral, que ainda não entendeu que Brasília é uma cidade que oferece uma área verde numa proporção muito grande.

A população tem por obrigação conservar a área externa da sua residência, tanto quanto é obrigado a conservar a área interna da sua

"A cidade onde menos se destrói aparelhos telefônicos é a Ceilândia. Os aparelhos da Telebrasil não são destruídos na Ceilândia. Lá, o morador gosta de ter o aparelho, porque sabe que é um benefício para ele".

casa. O habitante de Brasília precisa entender que ele tem a seu favor áreas verdes, algo difícil de se encontrar em outras cidades nessa proporção. Nós nos preocupamos, então, em educar o povo. Apesar das campanhas, ainda encontramos vandalismo, ainda encontramos destruições de áreas verdes. Assim, você chega a um impasse: ou você educa uma população, ou você não implanta a área verde. Estamos tentando fazer as duas coisas: educar o povo através de campanhas e implantar as áreas verdes. Há duas semanas o diretor da área de urbanização nos trouxe uma muda de Guapuruvu, uma árvore muito bonita, grande. Ela foi plantada de manhã e retirada de tarde. Veja só: a árvore é cuidada no viveiro dois anos, até que adquira um bom tamanho; é transportada, plantada com todo carinho, e de tarde você volta, louco para ver como está a árvore, e a encontra no chão, arrancada, quebrada. É uma tristeza. Uma estupidez. Nós somos obrigados a ter educação. Se moramos em uma cidade que dá a chance de se morar bem, morar em um bosque, em uma quadra urbanizada, somos obrigados a nos educar. Somos obrigados, não há dúvida. Não é válido o argumento de que a criança precisa quebrar árvores. Não, não precisa. Nós temos um exemplo claro, que aflige a população desde que foi introduzida como idéia, vinda de cidades maiores: estacionar o carro sobre a área verde. Nós temos processos, com fotografias de estacionamentos vazios, ao lado de áreas verdes ocupadas por automóveis. Isso é um crime, melhor dizendo, uma contravenção. O motorista está sendo multado, mas isso não resolve, porque ele é multado indefinidamente e continua estacionando na grama. Nós estamos pagando para uma pessoa sem a mínima responsabilidade, uma pessoa que não sabe usar uma área verde e a destrói. Não caberia a nós, Novacap, punir esse elemento. Caberia à própria população chegar para um rapaz que pára o carro em cima do gramado e pedir para ele não fazer isso. Porque ele tira. É muito pior

você ser advertido pelo habitante de sua cidade, pelo morador de sua quadra. É muito pior do que ser advertido por um guarda. Onde não há área urbanizada, não existe estacionamento, a Secretaria de Viação e Obras está programando a implantação de sistemas de estacionamento para se cobrirem as deficiências de áreas de urbanização, em estacionamento. Está plantando árvores nos estacionamentos, onde existiam apenas asfalto, para proteger o carro contra o sol. Mas isso é um trabalho de curto, médio e longo prazos. O trabalho de educação, nós fazemos. Eu moro em Brasília há 17 anos, sou urbanista. O urbanista enxerga, ele acorda de manhã preocupado com a sua cidade, seja ele quem for; o urbanista é um cara que enxerga a cidade como complementação de sua residência. Se você anda bem na sua casa, se você tem uma sala bonita, mas você tem que conservar, paga o preço disso.

CB - O povo de Brasília, então, é mal educado?

Grossi - Diretamente, acho que é. Porque ele é um povo que vem sofrendo, com o passar dos tempos, o processo de migrações. A população do meu tempo - eu vim em 1962 - é uma população que cresceu com a cidade e criou uma certa tradição. Ela vive e se preocupa um pouco mais com a cidade. Se você chega à cidade, com menos tempo, transferido, às vezes obrigado, não cria tradição, não cria raízes, e se não cria, você dificilmente se educa. A não ser que continuemos com a proposta de fazer com que o habitante da cidade se eduque, ele que recebe áreas urbanizadas, de graça. Ele que não precisa nem pedir. Quando estamos implantando áreas verdes em locais de densidade demográfica baixa, estamos apenas cobrando educação, apenas isso: estamos pedindo ao morador que apenas evite a destruição.

CB - Na época da seca, a manutenção da grama era feita através de esguichos. Este serviço acabou? Por que? Cabe a quem cuidar desta parte?

Grossi - Na época, nós tínhamos quadras com aspersores de água, de cobre e a tubulação toda deste metal. Pois bem: roubaram, destruíram. Roubaram todos os aspersores de água. Destruíram! destruíram! Existe essa rede implantada ainda na 308, do Banco do Brasil, na 114, que também é do Banco do Brasil. Então, percebemos o problema. Nem que a água fosse gratuita nós não poderíamos usá-la, porque hoje temos que levar a água de caminhão e com o preço que está a gasolina é melhor deixar a grama sofrer um pouco mais, ela naturalmente se recupera, pois seu processo de recuperação é muito bom. A grama tem resistência natural. Durante a época da seca, ela é completamente queimada, mas bastam as primeiras chuvas e ela já fica verde. Preferimos, então, deixar que ela sofra um pouco mais do que molhá-la. Porque o custo da irrigação da grama, o recurso que teríamos para conservar todos os gramados de Brasília, seria consumido só em gasolina. E a irrigação não é o fator mais importante da conservação de áreas verdes. O que prejudica o gramado é a passagem do veículo, o estacionamento do carro. O pedestre, nem tanto. O pedestre, se ele criar caminhos de circulação, implantaríamos até caminhos com placas de concreto, que seria a concretização do sonho de Lúcio Costa - uma área verde, sem definição de caminhos, onde o habitante de Brasília circularia e criaria os seus próprios caminhos. Essas verdadeiras trilhas seriam a linha mais curta entre dois pontos. Essa é uma filosofia que a gente defende, que qualquer urbanista defende. Você, quando tem que atravessar um quadrado, normalmente pega uma diagonal, pois o homem não anda em curva, é natural da pessoa humana cortar caminho. As estradas implantadas na época da escravidão, todas são fruto de caminhos de pedestres.

CB - E a Asa Norte? A população da Asa Norte é uma das que mais reclama da falta de urbanização. O que se programa, o que está sendo feito lá?

Grossi - Estamos dando andamento a uma série de serviços na Asa Norte. Estamos implantando áreas urbanizadas em super-



A Novacap, diz Edson Grossi, volta suas atenções para as satélites

quadras, estamos implantando vias de ligação do Eixo Rodoviário Norte, temos as obras da Ponte do Braguetto, que se reiniciaram, e também a urbanização da Península Norte. Estas obras estavam em licitação, mas os editais estão saindo. Para se ter uma idéia, os Eixos Auxiliares Norte, consumiram 8 milhões de cruzeiros e já foram concluídos os recapeamentos. Na arborização no Eixo Rodoviário Norte, plantamos 2.500 árvores. Estamos com 22 milhões de cruzeiros, aplicando em obras de urbanização. São 22 milhões de cruzeiros para áreas pluviais, pavimentação e ajardinamento e 8 milhões de cruzeiros em asfalto e recapeamento.

CB - Só na Asa Norte?

Grossi - Só na Asa Norte. Em todo o Plano Piloto, estamos também implantando vias asfaltadas em cascalho. O programa da Península Norte foi feito em cooperação com a administração do Lago Norte. Ela entrou em contato com o Secretário de Viação e Obras, a quem compete programar a implantação dos serviços. O órgão contrata a Novacap e nós vamos lá e fazemos.

O brasiliense não sabe que a Novacap implanta rede de águas pluviais. O que fizemos na época da seca? Limpamos todas as galerias de águas pluviais, todos os bueiros, tiramos lixo, pedra, para evitar enchentes.

CB - As enchentes sempre foram um grande problema para Brasília. Como é o sistema de galerias de águas pluviais? É suficiente?

Grossi - Ele é dimensionado para captar água de um determinado sistema de vias. Se você modifica a W/3, por exemplo, é preciso redimensionar a captação de água no lançadouro, isto é, no Lago.

No Gama nós estamos investindo Cr\$ 40 milhões para captar a água da chuva. Com 40 milhões de cruzeiros, vamos construir apenas dois quilômetros de galerias. É um programa que vai atingir a cifra de 600 milhões de cruzeiros, so no Gama, para combater a erosão.

CB - E o Parque Rogério Pithon? Foi uma modificação n no plano original de Brasília?

Grossi - Sem dúvida. Ele não estava inicialmente previsto no plano de Brasília. E passei uns 50 quilômetros de vias asfaltadas. Então, essa água, ela não penetra no terreno, e, conseqüentemente, tem que ser levada até o lago, pois os lançamentos implantados antes não previam essa sobrecarga. Para resolver o problema do Parque, com relação as galerias de águas pluviais, a estimativa de quatro meses atrás era de 60 milhões de cruzeiros. Quando você implanta o Parque, que não estava previsto (isso foi o Governador passado que decidiu), cria áreas de águas de chuva não

absorvidas que correm pelo terreno. Ela corre e vai se acumulando no ponto de cota mais baixa. Porque ela corre? Porque foi tirada a vegetação e colocada, às vezes, asfalto. No asfalto a água não penetra, e se você tira a vegetação a água pára de ser absorvida, pois a vegetação funciona como barragem e como filtro. A água vai para uma direção mais baixa, começa a acumular e não se escoa, sendo preciso que se construa um canal a céu aberto. Nós temos que equilibrar a chuva com uma lagoa no Parque, nas proximidades da W/5, uma lagoa de acomodação, uma área vazia, um buraco, em que a água do Parque, toda, vai para aquela região e ali inicia um processo de infiltração. O que ultrapassar o limite de vazão desta lagoa, entra nas redes de águas pluviais que vão para o Lago Paranoá. Então, agora nós vamos ter que fazer essa rede de 60 milhões de cruzeiros. E esse é um problema para o Governo Lamaison. Quando assumiu, ele nos chamou e disse: nós vamos dar prioridade às obras de infra-estrutura, em qualquer escala. Plano Piloto, cidades-satélites etc. São obras caríssimas, mas o único beneficiado direto é a população.

CB - A rede de águas pluviais em Brasília foram dimensionadas de acordo com a precipitação pluviométrica do Rio de Janeiro. Então, realmente, elas foram subdimensionadas. Não é verdade?

Grossi - Não se conhecia o Planalto Central, não se conhecia índice pluviométrico. Hoje nós temos um laboratório pesquisando. Nós tivemos na Universidade de Brasília captando o índice pluviométrico desde 62, 63, se não me engano. Você tem ao longo de 10 anos, que é um ciclo, você tem a constância da densidade pluviométrica. Naquela época ninguém tinha.

CB - A solução para o problema do escoamento de águas pluviais, a curto prazo não existe....

Grossi - Não, mas estamos atacando.

CB - E a limpeza das áreas verdes, sua conservação?

Grossi - Nós temos 700 empregados que lutam todo dia pra que isso seja conservado. E você tem, todos os dias, lançamento de lixo nas áreas urbanizadas das quadras. Eu morei na 308 Sul, eu assisti a pessoas lançando pilhas de lixo em determinados lugares, o que só causa prejuízo à própria população, além de ser um tratamento muito sério para o turista que vem a Brasília. Ele vai à 308 para ver uma quadra padrão, fotografa uma escola padrão, modelo, mas do outro lado fotografa um monte de lixo. Isso, eu conversei com turistas na quadra, morei lá, sou testemunha

oculando do fato. Estamos hoje brigando contra isso, para que não aconteçam esses problemas.

CB - E o equipamento para conservação das quadras, como está a Novacap neste ponto?

Grossi - Além de máquinas elétricas, estamos duplicando a frota de tratores da Novacap, para 60 tratores. Pretendíamos fazer uma apresentação oficial ao Governador, desses tratores. Mas achamos muito mais importante, colocar o trator cortando a grama do que apresentar para o Governador. Nossa preocupação com a área verde é grande, mas não cabe à Novacap conservar as áreas virgens, não urbanizadas. Esse é um trabalho do Serviço de Limpeza Urbana, que faz um trabalho excelente. O Estado está investindo em infra-estrutura. Brasília está tendo, atualmente, em potência de trabalho, uma das maiores fases de conservação de áreas verdes. Dobramos o número de equipamentos com um sacrifício muito grande. Cortamos gasolina da nossa frota de veículos, tiramos transporte do funcionário para colocar gasolina no tanque de um trator. O funcionário reclama que não tem o veículo para levá-lo em casa, mas compreende, sabe que o sacrifício dele está conservando a cidade. Estamos remanejando linhas de ônibus para passar na Novacap, para o funcionário da Novacap usar o ônibus para ir trabalhar. Eu me coloco ao lado do morador da cidade. Se o Estado está conservando, a responsabilidade também é nossa. Vamos evitar a depredação, vamos evitar que se jogue lixo na grama, nós temos educação suficiente para isso, talvez ele seja deseducado por comodidade, mas com educação suficiente para não jogar lixo na grama. O que falta é um alerta. Nas cidades-satélites, nós trabalhamos com convênios. A Administração Regional faz convênios com a Novacap e nós repetimos tudo isso do Plano Piloto, nas cidades-satélites, sendo que a autonomia é dada ao administrador. Ele dá prioridade a determinadas áreas, em comum acordo com a comunidade, e nós implantamos.

CB - Ceilândia, o que está sendo feito lá? Qual é a atuação da Novacap, o seu programa para a Ceilândia?

Grossi - Ceilândia é uma cidade atípica. Nela, a Novacap está entrando com maior escala de trabalho, estamos investindo cerca de Cr\$ 400 milhões em urbanização, principalmente asfalto e captação de águas pluviais. Nas galerias de águas pluviais, estamos investindo Cr\$ 65 milhões, com a licitação que deve estar terminando por esses dias. O processo vai ser liberado e as

"A Novacap foi perdendo seus poderes à medida em que o tempo foi passando. Foram desmembrados do órgão a Telebrasil, a Caesb, a CEB e, mais recentemente, a Terracap, que é maior imobiliária do Governo".

firmas vencedoras vão entrar na Ceilândia.

CB - Por que firmas particulares? A Novacap não está capacitada a realizar esses serviços?

Grossi - A Novacap está reestudando o processo de implantação de serviços, para que possamos executar serviços de implantação de vias urbanizáveis, asfalto, terraplenagem, etc, na época da seca. Nós não conseguimos fazer isso, porque entramos na Novacap faz pouco tempo. Então, estamos mudando, inclusive, a estrutura da Novacap, estamos reorganizando a Novacap, dimensionando - a com uma nova mentalidade empresarial. Então não tivemos ainda tempo de programar esses serviços. Não tivemos tempo agora, porque no ano que vem estaremos com tudo isso programado. Estamos em entendimentos com a Secretaria de Viação e Obras, para que durante a seca executemos serviços de terraplenagem, que seria muito mais econômico, com o retorno do capital para o Estado. Seria viável, você investe, o custo é menor e a qualidade do trabalho é melhor. Melhor também para a população. Estamos fazendo também, um trabalho de implantação de áreas verdes na Ceilândia. Para você ter uma idéia, a cidade onde menos se destrói aparelhos telefônicos é Ceilândia. Os aparelhos da Telebrasil não são destruídos na Ceilândia, o morador gosta de ter o aparelho, usa e protege, porque sabe que é um benefício para ele mesmo.

"CB" - A Novacap sofreu uma série de desmembramentos, perdendo várias de suas atribuições. Ela foi redimensionada, reestruturada para suas novas funções?

Grossi - Estamos fazendo isso, uma reformulação interna. Estamos com uma consultoria, para reestruturar a Novacap e reestruturá-la para suas atuais atribuições. Eu comeci a falar sobre Caesb, Telebrasil etc. Na medida que esses órgãos se desmembraram da Novacap, não se preocupou em

redimensioná-la, trazendo-a para a realidade atual. Nós estamos fazendo isso. Com o pouco tempo que estamos lá, estamos concluindo esse estudo. E nos valem, para isso, do empregado da Novacap, que é um empregado antigo, um empregado que, em nível, acredito que seja o melhor empregado de Brasília. Porque ele vive aqui há muito tempo, tem tradição, veste a camisa do Estado, quer ajudar. Quando ele está com a camisa da Novacap, ele representa o Estado, porque a Novacap fez sozinha o que fazem hoje todos os órgãos desmembrados. Baseados nisso, nós estamos estudando, implantando uma nova dimensão organizacional da empresa, mudando o regimento interno, o nosso organograma, sistema de compra, de patrimônio. Na área de pessoal também, estamos selecionando, introduzindo critérios para o estabelecimento de um novo plano de cargos e salários.

Tudo isso faz parte, quando o habitante de Brasília vê um homem conservando a sua grama, ele tem que saber que isso é fruto de um trabalho da Novacap, esse homem foi contratado pela Novacap, ele tem que ter um treinamento, tem que saber usar uma máquina, ele tem que ter a dimensão até do salário, e isso é limitado pelo Estado. O nosso pedreiro ganha muito pouco, mas ele veste a camisa da Novacap. Ganha pouco, mas não sai da Novacap. O nosso operador de trator ganha pouco, mas também não sai da Novacap. Então, isso é um ponto de apoio para nós reestruturarmos uma empresa, que não pode pagar melhor do que deve, porque nós não temos receita, nossas receitas são pequenas, mas nossas atividades são em função da sociedade. Nós não temos retorno de nada, não nos pagam nada, nós cumprimos atividades para o Estado.

CB - A Novacap foi, durante a construção de Brasília, maior construtora do mundo. O que é hoje?

Grossi - Foi, porque em um mesmo momento ela edificou toda uma cidade. Então, dificilmente você vê em alguma parte do mundo, de uma vez só, se levantar uma cidade com as áreas de Brasília. E aí entrou, principalmente, a potencialidade da nossa atual diretoria de edificações, que hoje tenta retomar o seu lugar em edificações. Ela tem capacidade para isso, dispõe de quadros técnicos com excelentes profissionais, arquitetos, engenheiros, técnicos em engenharia, desenhistas, etc. Nesse grande momento, em que se construiu Brasília, ela teve a seu encargo, todas as obras de edificação, administrando diretamente e, por vezes, licitando. Nós continuamos com essa preocupação de licitar. Porque você dá ao empresário privado, a oportunidade de participar das obras do Estado. Isso é bom para o Estado. O Governo trabalha em função da mão-de-obra local, indiretamente através das firmas empreiteiras. Aliás, nós trabalhamos como reguladores de preços. Então, nós temos um trabalho a fazer para o Estado, nós brigamos pelo interesse do Estado, brigamos para que uma obra saia pelo preço mais econômico, nunca pelo preço mais barato e com qualidade inferior. As vezes nós entramos em atrito com empresários, que acham que os nossos preços estão baixos. Nossos preços não estão baixos, estão reais, é que o lucro da firma não será tão grande quanto poderia ser, será um lucro mais real. Então, a diretoria de edificações, que foi, num certo tempo, responsável por todas as obras de Brasília, ela hoje se ressent de não poder continuar sendo. Porque hoje nós temos áreas de edificações do Estado, que são cumpridas pelo Dasp. Porque isso, nós não sabemos. Isso aí é o Estado que deve dizer, não cabe a nós, Novacap, questionar porque a União constrói e o Estado também.

CB - Porque isso?

Grossi - Nós não sabemos. Isso, é o Estado que deve dizer. Não cabe a nós, Novacap, questionar porque a União constrói e o Estado também, constrói. É evidente que deve haver razões, a Novacap tem potencialidades para assumir todas as obras de edificação do Distrito Federal, e, para você ter uma idéia, a diretoria de edificações, está readquirindo confiança, no mercado. Embaixadas têm nos procurado, porque nós estamos realizando um trabalho sério, nós, Novacap. Esse trabalho sério vai refletir na confiança que nós temos que transmitir a todo mundo. Se uma secretaria do Estado, se uma embaixada nos contrata, nós temos que dar a esse embaixador, a esse secretário, um trabalho de boa qualidade, no prazo estabelecido. A diretoria de edificações está fazendo o viaduto da 115/116 Norte, para o Governo do Distrito Federal, no valor de Cr\$ 4 milhões, está começando, no primeiro dia útil de janeiro, o serviço de conclusão do reforço da estrutura da Ponte do Braguetto, no valor de Cr\$ 5 milhões; está concluindo o Teatro Nacional, que eu considero uma obra importantíssima. A imprensa sempre nos questiona, se o teatro está fechado ou aberto, nós tínhamos que reiniciar a